



JUVENTUDES E CARTOGRAFIAS NA INTERNET: CAMPO DE RECONHECIMENTO E VISIBILIDADE

Larissa Uceli
larissa.uceli@gmail.com¹

Resumo

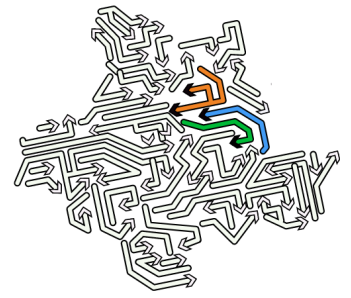
O avanço das tecnologias digitais vem modificando a forma como os sujeitos se comportam no mundo, o território adquire novos valores e o espaço geográfico se preenche com novas territorialidades impulsionadas pelo advento da Internet. As experiências do mundo cibernético são também presenciais, fazendo com que os sujeitos estejam frequentemente conectados, habitando um espaço multidimensional. Grupos que se destacam na apropriação das mídias digitais e as utilizam como meio de comunicação e expressão das suas subjetividades são as juventudes. No ambiente digital, as juventudes criam novas territorialidades e elaboram o seu lugar no mundo, utilizando as redes sociais virtuais como campo de reconhecimento de si e de seus pares, enfrentando os estigmas que historicamente as colocam em um cenário de constante desproteção social. Esta pesquisa relaciona o uso das redes sociais pelas juventudes e as “novas cartografias”, entendendo que estes jovens ao se expressarem nas redes, manifestam as suas próprias territorialidades, construindo cartografias subjetivas, simbólicas e multidimensionais, construindo um outro espaço, diferente daquele político e histórico que por muitas vezes os invisibiliza, promovendo um campo de trocas reais, reconhecimento e visibilidade.

Palavras-chave: redes sociais virtuais; novas cartografias; geografia das juventudes

Introdução

O espaço geográfico sendo uma criação contínua da sociedade que se reproduz e se modifica de geração em geração, está em conformidade com as mudanças na força de trabalho, nas técnicas, nas crenças, nos fluxos e nas redes. (ISNARD, 1978). Entre tantas

¹ Mestranda do Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas da Universidade Estadual de Campinas. Este trabalho é produto de pesquisa de Iniciação Científica, que se estendeu ao Trabalho de Conclusão de Curso da Graduação em Geografia orientados pela Professora Doutora Tânia Seneme do Canto (IG/UNICAMP).



escalas que adotamos para estudar o espaço geográfico, o território aparece com destaque graças a sua amplitude teórica, metodológica e material.

Milton Santos (1999) em “O território e o Saber Local: algumas características de análise” nos questiona: “A territorialidade é um atributo do território ou dos seus ocupantes?” (SANTOS, 1999, p.21). O território como sendo uma categoria de análise do espaço geográfico não se auto explica, necessariamente o território responde e corresponde aos seus usos, apropriações, significados, materialidades, ideologias, e identidades. Sua totalidade é construída e reconstruída por homens e mulheres que cotidianamente modificam, vivenciam e experienciam seus lugares. Assim, o território se transforma a partir dos interesses geracionais que configuram novas técnicas e tecnologias, contribuindo para a construção de novas totalidades, ou seja, de novos territórios.

No mundo contemporâneo, no período técnico-científico-informacional², as tecnologias digitais, como a Internet, são instrumentos importantes e que se destacam no estabelecimento de novas redes e fluxos, possibilitando formas específicas de relacionamentos entre pessoas, e entre pessoas e o espaço, ampliando também a capacidade de criação nos e de territórios.

"O meio de vida do homem, seu entorno, não é mais o que ainda alguns decênios, geógrafos, sociólogos e historiadores chamaram de meio técnico. O meio técnico-científico-informacional é um meio geográfico onde o território inclui obrigatoriamente ciência, tecnologia e informação. [...] é a nova cara do espaço e do tempo" (SANTOS, 2013, p.41)

Além de ter alterado a materialidade do espaço geográfico, as tecnologias digitais também modificaram os relacionamentos interpessoais, ou seja, a Internet alcançou a subjetividade e a afetividade dos usuários. Dados³ da Organização das Nações Unidas (ONU) revelam que cerca de 5,3 bilhões de pessoas no mundo acessam a Internet. O Brasil é o 5o. maior país do mundo em relação ao número de usuários da rede. Dentre todos os usuários brasileiros, o grupo etário de 20 a 29 anos é o mais numeroso enquanto usuários de Internet. Através do uso das ferramentas digitais, o grupo maioritário de usuários da Internet, as

² “Quanto ao meio técnico-científico-informacional é o meio geográfico do período atual, onde os objetos mais proeminentes são elaborados a partir dos mandamentos da ciência e se servem de uma técnica informacional da qual lhes vem o alto coeficiente de intencionalidade com que servem às diversas modalidades e às diversas etapas da produção.” (SANTOS, 2006, p. 157)

³ Dados divulgados na página jornalística da ONU, a “ONU News, Perspectiva Global Reportagens Humanas”, com o título “Crescimento da internet desacelera e 2,7 bilhões ficam fora da rede”, de 16 de setembro de 2022.



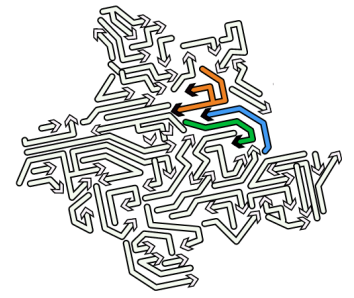
juventudes, subvertem a lógica globalitária⁴ quando utilizam as redes de informação para a difusão das suas próprias realidades fazendo emergir a expressão das suas subjetividades que são limitadas no território usado das cidades mas ganham espaço na internet, que se torna um ambiente fértil para o desenvolvimento de novas territorialidades juvenis.

No processo de construção reflexiva desse debate foi importante definir o que são as juventudes, o que é o território que as alteram e é alterado por elas, como as Tecnologias de Informação modificam as relações interpessoais e qual o produto dessas relações no ambiente online. Logo, entenderemos as juventudes como um conceito sócio-histórico buscando desviar dos determinismos biopsicológicos, e, para isso, relacionamos juventudes com a condição juvenil pois “este conceito crucial relativiza a dimensão biológica e acentua os processos sociais e histórico” (BARBOSA, 2021, p.1) Tratemos então das juventudes, no plural, em um território específico, o brasileiro. Juventudes brasileiras compartilham do mesmo processo de invisibilidade institucional, cultural, política e histórica. O contexto é de intensa desproteção social, principalmente quando falamos de juventudes de baixa renda, moradoras das periferias, pretas e pardas.

Estudar as juventudes dentro da geografia é reconhecer a extrema relevância que o território tem no processo de concepção das subjetividades e de trajetórias de vida, ao mesmo tempo é reconhecer também como os sujeitos são potentes para construir territorialidades específicas e alterar seus territórios, na dialética entre verticalidades e horizontalidades⁵, as

⁴ SANTOS (2003) se refere ao termo “globalitarismo” como o sistema político do mundo contemporâneo que se utiliza de técnicas para produzir a globalização como perversidade que intensifica as desigualdades sociais na escala local e global.

⁵Para Santos (2006:106; 2006a: 108, 110) “As verticalidades podem ser definidas [...] tarefas produtivas hegemônicas, características das atividades econômicas que comandam este período histórico” (apud Araujo e Filho, 2015, p.2) “As horizontalidades são [...] contra-racionalidades, isto é, formas de convivência e de regulação criadas a partir do próprio território e que se mantêm neste território a despeito da vontade de unificação e homogeneização típica das verticalidades.” (Araujo e Filho, 2015, p.2)



ações das juventudes frente às limitações que encontram são formas de subverter toda a lógica hegemônica que condiciona os seus corpos e desejos.

Sendo assim, este trabalho buscará apresentar algumas das reflexões construídas a partir do projeto de pesquisa, que teve como um dos objetivos principais descobrir e analisar quais são os usos das redes sociais pelas juventudes, a partir do princípio de que esses usos estão relacionados a emancipação desta categoria e a produção de novas territorialidades e de um novo território, onde se circunscrevem - por meio das mais diversas linguagens como textos, imagens, colagens, músicas - expressões cartográficas. O processo metodológico deste projeto aconteceu em três principais momentos, o de revisão bibliográfica, o de busca de perfis representativos no Instagram, e em seguida a observação desses perfis e a análise das suas cartografias. Focamos em conhecer, observar e mapear as produções cartográficas de dois perfis de representações jovens no *Instagram*, que foram escolhidos a partir de recortes estabelecidos e inspirados em referências bibliográficas sobre juventudes. Apoiados no conceito de “Novas Cartografias” (GIRARDI, 2019;2021), buscamos compreender as expressões das culturas juvenis nas redes como manifestações cartográficas, entendendo que o ciberespaço é um campo criativo onde coexistem múltiplos pensamentos e múltiplas realidades, - essas que historicamente estiveram invisibilizadas pela sociedade - criando-se então múltiplas-territorialidades.

A(s) juventude(s) e a condição juvenil no Brasil

Existem diferentes concepções de juventude, sendo este um conceito polissêmico que acompanha as mudanças da sociedade e se modifica durante a história, emergindo somente depois do século XIX graças às transformações sociais causadas pelo processo de industrialização e o avanço do sistema capitalista. Há três principais teorias que buscam explicar o termo juventude, a estrutural-funcionalista que entende esse grupo como “sujeitos de falta” que estão em fase de transição, nem crianças e nem adultos; a teoria crítica que coloca esse grupos sociais como agentes da sociedade capitalista, destacando o seu protagonismo na construção das materialidades históricas; e a noção sociológica que coloca esses grupos, assim como fez a teoria crítica, dentro do contexto espacial e histórico mas dá luz as diferenças entre os sujeitos, ou seja, as juventudes são plurais por que os sentidos são



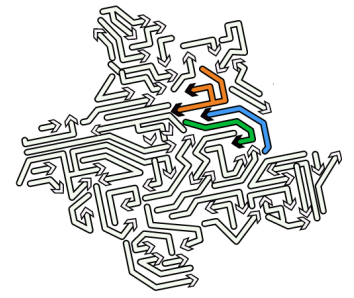
plurais, os territórios são plurais, as formas de se relacionar com a sexualidade, com a religiosidade, com a raça, são plurais.

Tentando considerar e compreender a multiplicidade de jeitos de ser jovem e o que está intrinsecamente relacionado a essas diferenças emerge o conceito de condição juvenil.

Inserir o debate proposto pelo conceito de condição juvenil nos estudos de juventude “[...] permite-se levar em conta tanto a dimensão simbólica quanto os aspectos fáticos, materiais, históricos e políticos, nos quais a produção social da juventude se desenvolve (DAYRELL, 2007, p.108 apud BARBOSA, 2021, p.20).

Aqui, é importante aprofundar-se no debate sobre a condição juvenil atrelada ao território brasileiro, e o que se destaca em todos os estudos sobre essa temática são os processos de invisibilidade institucional, cultural, política e histórica das juventudes que emergem de uma frágil construção de direitos ao longo das épocas. O contexto é de intensa desproteção social onde “as juventudes vêm se constituindo um dos segmentos mais vulneráveis pelo empobrecimento estrutural (BARBIANI, 2007) e afetados pelas múltiplas manifestações de violências.” (SCHERER, 2016, p.3) A discussão sobre os direitos humanos para com este grupo é deixada de lado pelo Estado, que evidencia apenas a esfera da criminalização e dos estereótipos ligados às juventudes, sendo assim, o visível mostra-se como uma imagem que não se relaciona a todas as possibilidades e potencialidades do segmento juvenil, invisibilizando o que as juventudes realmente se constituem. (SCHERER, 2013 apud SCHERER, 2016)

Além de sofrerem com os estereótipos desenvolvidos historicamente de culpabilização pelos problemas da sociedade, os jovens, na verdade, são as maiores vítimas do país. Constituindo quase 25% da população brasileira (PNAD Contínua 2021), a faixa etária de 15 a 29 anos é considerada de alto risco, representando uma das mais perigosas quando deveria ser uma das mais saudáveis do ciclo vital. (FERREIRA et all, p.132, 2009) A principal causa de morte de jovens no país é a violência urbana, segundo o PNAD, a cada 100 jovens de 15 a



19 anos que morreram no país em 2019, 39 deles foram vítimas da violência letal, entre 20 a 24 anos de 100 hábitos foram 38 pelo mesmo motivo, assim como entre 25 a 29 anos que de 100 mortes, 31 foram pela violência.

Segundo Baratta (2006) a criminalização é elemento necessário para o ideal funcionamento da lógica vigente, pois é o que mantém ou aprofunda a classe subalterna na posição que se encontra e disponível para o mercado de trabalho, evita sua ascensão social e as organiza inclusive em espaços geográficos, as anula ou lhes fornece visibilidade quando necessário justificar a violência com métodos de criminalização. (CORDOVA, 2012, p.37)

Segundo Oliveira e Trancoso (SCHERER, 2016), entre os anos de 1930 a 2009 as políticas públicas brasileiras de juventude eram fundamentadas na ideia de uma juventude "adultocêntrica" e estigmatizada. Scherer (2016) analisando programas e projetos governamentais para este grupo, constatou que cerca de 75% das políticas públicas eram voltadas ao mundo do trabalho. O discurso presente nessas ações reproduz a ideia de que os jovens são responsáveis pelo “desenvolvimento” das sociedades, o que mais os afasta da garantia dos direitos fundamentais na concepção universal do que os aproxima. As políticas de qualificação profissional esvaziam a possibilidade de construir um cenário de políticas afirmativas, fazendo com que haja “a moralização da questão social” acarretando em “processos contínuos de (des)proteção social.” (SCHERER, 2016, p. 9)

Baseando-se na conjugação de fatores globais e locais se constitui a questão juvenil do século XXI. Também, nesse novo milênio os movimentos sociais e organizações de jovens das mais plurais e diversas então envolvidas e empenhadas em lutar por representatividade no poder público e estão ganhando espaço. São as movimentações urbanas, nas ruas, as organizações culturais, e as redes sociais virtuais que se destacam como espaço de discussão e resistência. Assim, por meio de “ritmos, gestos, rituais e palavras” (CAIRES e SALES, p. 1346, 2017,) as juventudes, principalmente as mais invisibilizadas e estigmatizadas, encontram formas inovadoras de ampliarem a visibilidade sobre quem elas são, o que precisam e o que desejam, tornando-se suas próprias referências e também referências para a construção de programas e projetos coerentes com a realidade de cada grupo de jovem. As reivindicações acontecem em todos os lugares, se constituindo como potência criadora de uma outra realidade, de muitas outras territorialidades.

(Des)territorialidades juvenis

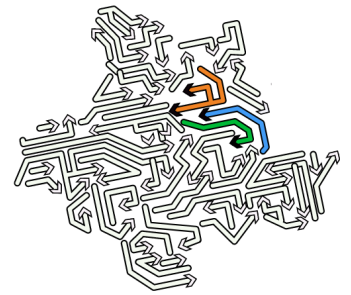


É a partir desse cenário de marginalização e violências que as juventudes criam meios de subverter os estigmas e estereótipos impostos a elas, “construindo estratégias de enfrentamento contra a invisibilidade política, corpórea, e conceitual que historicamente condiciona as suas vidas” (SIMÃO, 2014, p.1), fazendo emergir suas próprias territorialidades. A Internet tornou-se um espaço fértil para que esse processo aconteça.

Rogério Haesbaert (2004;2007) conceitua o termo “multi-territorialidades” que explica essa construção conjunta e contínua em diferentes espaços e que se dá a partir de situações específicas relacionadas a um processo de “desterritorialização”. Quando um grupo social é impedido de exercer as suas territorialidades, tanto materialmente quanto simbolicamente, por imposições do poder hegemônico, é iniciado um processo de (des)territorialização, precarizando o espaço causando ou expulsões físicas de fato ou invisibilidade e desproteção social.

Assim, todo aquele que é “desterritorializado” precisa se “reterritorializar”, pois tudo que existe, existe em algum lugar (dimensão material) e se expressa através dele (dimensão imaterial). Com o advento das tecnologias digitais as práticas territoriais se transformaram em multi-escalares. Não é apenas por meio do deslocamento físico que se estabelece novas territorialidades, mas também pela “conectividade virtual” que possibilita com que pessoas distantes geograficamente interajam entre si, alterando suas espacialidades e construindo novas, exercendo uma multiterritorialidade.

Entendendo que “aqueles que se encontram [...] mais precariamente territorializados” (HAESBAERT, 2007, p.20) são os que mais necessitam de estratégias criativas para se “reterritorializar”, e tendo as juventudes como um dos segmentos sociais brasileiros mais fragilizados em relação a garantia de direitos, e ao mesmo tempo, sendo aqueles que se familiarizam mais facilmente com os dispositivos digitais e suas novas possibilidades de articulação territorial em rede, encontra-se aí um meio de estabelecer “percursos de



reconhecimento de si e de seus pares através de estratégias territorializadas e mediadas por ferramentas de comunicação contemporânea” (SIMÃO, 2014, p.3) fazendo emergir as suas subjetividades e identidades, contribuindo com a auto-valorização e enfrentando suas invisibilidades.

Juventudes e as novas cartografias nas redes sociais virtuais

As juventudes se apropriam e dominam os novos aparatos tecnológicos na cotidianidade e os utilizam como instrumentos potentes de reconstrução e construção de espacialidades outras, mais representativas, criativas e diversas. Nas redes sociais estão inscritas manifestações subjetivas de identidades juvenis, demarcando novos territórios-rede que conectam jovens dispersos geograficamente mas que comungam de mesmo significados, tornando-se uma comunidade. Imagens, vídeos, músicas, textos, e fotografias cartografam jeitos de ser e de estar que ora foram marginalizados no território usado das cidades e agora emergem nas redes sociais.

“[...] os principais espaços considerados importantes, nos quais os jovens constroem suas relações de afeto e compartilham consumos diversos, estão a escola e os espaços virtuais. Mesmo para aqueles que não têm acesso fácil à internet, as redes sociais funcionam como indispensáveis canais de encontro e fazem parte, de alguma forma, da vida dos jovens. (PEREIRA et all, 2012, p.1)

Em 2016, a Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República divulgou que 66% dos jovens brasileiros com até 25 anos acessam diariamente a Internet, e, dentre esses, 67% buscam se informar e se divertir por este meio, e 81% utilizam os dispositivos móveis para acessar as redes. Um estudo realizado em 2015 pelo Data Folha mostra que o acesso à Internet pelo celular é o que mais cresce, de 107 milhões de brasileiros que navegam na Internet, 87 milhões o faz pelos celulares. O Facebook, seguido do Whatsapp, Google e Instagram eram as redes sociais virtuais mais utilizadas no ano de referência da pesquisa.

A constatação de que as juventudes estão produzindo territorialidades subjetivas, e múltiplas faz com que seja importante refletir sobre esses novos usos das tecnologias digitais, e para além disso, refletir sobre essas realidades sócio-culturais que se expressam por meio delas, e se são ou não consideradas. A partir do que Gonçalves (2017) nos propõe, questionemos: “[...] qual e como é o espaço do outro, quais comandos exteriores de usos imperam ali, como o outro mapeia seus usos, como representa, reinventa e transforma os espaços, quais linguagens utiliza?” (p.59)

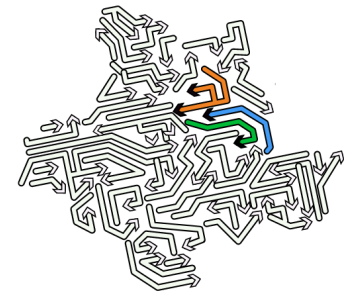
Embasados nos referenciais teóricos do trabalho e nas experiências da pesquisadora sendo jovem neste tempo, buscamos encontrar perfis nas redes sociais que representassem

grupos de juventude mais precarizados em relação ao acesso de direitos e a liberdade de expressão simbólica e cultural. A rede social virtual escolhida foi o Instagram visto a vasta capacidade da rede em demonstrar com imagens, vídeos, textos, o cotidiano das pessoas na nossa sociedade. Delimitamos dois perfis: @funkeiroscults e @paulobruno_art. Ambos estão regionalizados fora do contexto sul e sudeste, administrado por pessoas não brancas e moradoras de zonas periféricas.

O primeiro denominado “Funkeiros Cults”, com 273 mil seguidores, localizado em Manaus, tem como sua principal expressão as linguagens de edições de imagem, incluindo colagens, textos e “memes”⁶, retratando jovens leitores das periferias brasileiras com suas vestimentas, acessórios e dialetos específicos, desmistificando os pré-conceitos que o senso comum atribui a esse público, um estereótipo que se distancia daquilo que é considerado “cult” como a leitura de acadêmicos, da literatura clássica, do lirismo, do que é valorizado pelas elites hegemônicas - que acredita ser a única consumidora dessas artes. As linguagens utilizadas para cartografar as suas experiências e práticas socioculturais são principalmente fotografias que passam por um processo de edição de imagem no qual textos são colocados sobre as

⁶ “[...] na cibercultura os usuários começaram a utilizar a palavra “meme” para se referir ou mesmo se espalha aleatoriamente na Grande Rede – em especial – fragmentos humorístico” (SOUZA, 2013, p. 129)





fotos, ou seja, há duas linguagens que se complementam e dão o sentido específico que o autor deseja. Todas elas possuem tom humorístico ao mesmo tempo que apresentam uma crítica social, os “memes” são utilizados como forma de apresentar subjetividades que não são vistas na sociedade. Além disso, o administrador do perfil produz vídeos de curta duração, aproximadamente 15 segundos, dentro de uma ferramenta do *Instagram* denominada *Reels* que é exatamente sobre a produções audiovisuais rápidas mas que circulam toda a rede social, mesmo para aqueles que ainda não estão articulados com o seu perfil. Ele utiliza também, quase que diariamente, a ferramenta denominada “*Story*” onde posta-se fotos ou vídeos de 15 segundos que permanecem no perfil do autor por apenas 24 horas, mas que podem ser permanentes caso o administrador deseje, salvando essas produções nos denominados “destaques”, que são um conjunto permanente de storys que ficam separado das demais postagens do perfil.

Figura 1: Postagem temporária da página do *instagram* Funkeiros Cults, vista em 03/06/2022. Acervo pessoal.

O segundo, denominado “PauloBruno_Art” é um perfil com 27 mil seguidores,

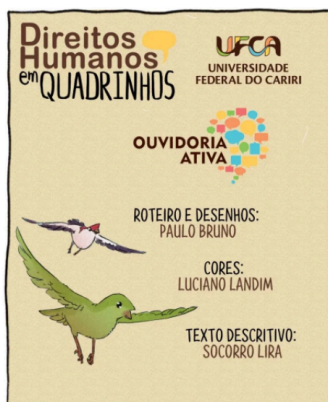


Figura 2: Postagem da página do *Instagram* PauloBruno_Art, 05/05/2022, Fonte: <https://www.instagram.com/p/CdLuKpNOzT3/>

localizado no estado de Ceará, onde o autor da página retrata cenas do cotidiano do seu território através de quadrinhos, seu personagens são majoritariamente negros e jovens, sendo essas as suas inspirações além de ter forte influência das músicas populares do país, principalmente do HipHop. Neste perfil observa-se a construção de uma imagem muito positiva das periferias, diferente do que é apresentado pelas grandes mídias. A sua perspectiva sobre a realidade é muito sensível e ele amplia os significados do território, o representando como espaço de acolhimento e amorosidade, não de perigo e nem de violência. Neste perfil não existem fotos, apenas desenhos produzidos pelo próprio autor, no formato de histórias em quadrinhos. Ele não produz vídeos e também não publica diariamente no *Story*, possui alguns destes salvos principalmente relacionados ao seu próprio trabalho (como ilustrador) e de alguns projetos artísticos e políticos que se envolveu. Ele não foi reconhecido ainda por grandes mídias como o perfil “Funkeiros Cults” mas tem parcerias relevantes e em grande quantidade com outros artistas os quais os temas das histórias se conversam.



Ambos os perfis, além das linguagens explicitadas, utilizam muito de músicas, um deles o ritmo funk está já em seu nome, revelando sua ligação com esse estilo musical, enquanto o outro, começou a desenhar na tentativa muito bem sucedida de interpretar as letras das canções as quais se identificava em alguma medida. Essas expressões artísticas em diferentes linguagens “são formas de representação do espaço que consideram aspectos simbólicos, subjetivos, imateriais e poéticos. [...] Tais práticas são evidências da relação dos sujeitos e da experiência destes no/do espaço.” (LEIRAS, 2012, p. 115)

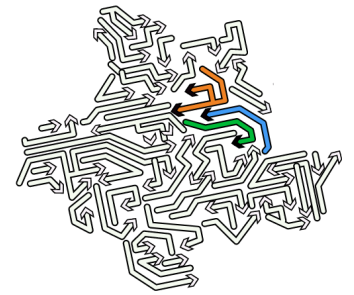
Uma das características que se sobressaem nesses perfis é o sentimento de solidariedade estabelecido entre o “seguido” e os “seguidores”, construindo uma comunidade a partir da identificação e se tornando um espaço de trocas de conhecimento, acolhimento, e

inspiração. Além dos temas específicos de cada postagem, alguns elementos tangenciam todas as manifestações, como por exemplo a valorização do cotidiano e a valorização da sua própria figura, e conseqüentemente, de seus semelhantes. Ou seja, a valorização de grupos periféricos que apesar de serem diversos e dispersos no país, se identificam com significados comuns.

É possível notar como as juventudes estão buscando valorizar suas ancestralidades e fortalecer a “família”, não necessariamente as de relações de parentesco (essas também), mas a constituição de laços que sustentam a vida, demonstrando como os espaços periféricos, ao contrário do que é retratado por grandes mídias, como sendo perigosos, são espaços de afetos e de incentivo a valores comunitários. Ou seja, além das páginas em questão serem instrumentos de entretenimento e identidade, também são instrumentos de denúncia do preconceito e da desigualdade. A articulação dos jovens envolvidos nos perfis faz com se criem espaços estratégicos de visibilidade, organizando comunidades tão grandes (como Funkeiros Cults, perfil com mais de 200 mil pessoas) fazendo com que seja impossível permanecer na invisibilidade, em um não reconhecimento.

Considerações finais

Abramo (2008) nos contempla quando explica que “a juventude é uma construção sociocultural e, como tal, está atravessada por uma teia de saberes e poderes que lhe



sustentam como categoria social.” (SIMÃO, 2014, p.4). No Brasil, as juventudes são historicamente invisibilizadas, fazendo com que ocorra processos de “desterritorialização” desse grupos sociais em todo o país. Conceito de Rogério Haesbaert, a desterritorialização acontece quando um grupo social é impedido de viver em seu território de origem, seja fisicamente ou simbolicamente - quando nesse território não é garantido o exercício das suas práticas e signos culturais. Os jovens se tornam “o outro”, o desumanizado, o que está com as marcas do “signo de morte”, o que está no meio do caminho à espreita de um futuro, um não-sujeito que precisa necessariamente que alguém o controle e o restrinja pela sua imprevisibilidade. O estigma que associa as juventudes à ameaça social, à criminalidade e à delinquência é latente e deixa esse grupo ainda mais vulnerável. Frente a esse cotidiano de violências políticas, onde “a invisibilidade política, corpórea e conceitual que historicamente condiciona a vida das juventudes” (SIMÃO, 2014, p.1), as articulações juvenis incentivadas pelo agrupamento virtual atuam como estratégia de proteção contra as violências físicas e simbólicas que atingem intensamente as juventudes no Brasil, visto a frágil trajetória de construção de direitos e desproteção social que se traduz numa invisibilização histórica deste grupo. A poética do cotidiano desses novos espaços expande percepções e perspectivas, abordando de forma sensível conhecimentos importantes que auxiliam na garantia da proteção desses grupos e de outros, dentro e fora do ambiente virtual.

Referências bibliográficas

BARBOSA, Juliana Souza. Juventude (s): afinal, que sujeitos sociais são estes. **Cadernos de Aplicação**, Porto Alegre, v. 34, n.1, jan-jun. 2021.

BRASIL. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios. (Pnad Contínua). **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)**. Rio de Janeiro, 2019-2021

CAIERES, Flávia Cristina Batista; SALES, Sheila Cristina Furtado. Políticas Públicas de juventude no Brasil: contexto histórico e perspectivas atuais. **Seminário Gepráxis**, Vitória da Conquista – Bahia – Brasil, v. 6, n. 6, p 1339-1355, 2017

CORDOVA, Bruna Ramos. **Redução da Maioridade Penal como aprofundamento da criminalização da juventude**. Trabalho de Conclusão de Curso (Serviço Social). Universidade Federal de Santa Catarina, 2012, Florianópolis

FERREIRA et all. Juventude e políticas de segurança pública no Brasil. **Juventude e políticas sociais no Brasil**. Brasília : Ipea, 2009

GIRARDI, G. Novas cartografias, novos mapas, novas geografias. **I Colóquio Internacional A educação pelas imagens e suas geografias**. Campinas, 2009.



GONÇALVES, Amanda Regina. Narrativas cartográficas e a conexão entre mapa e experiência. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 7, n. 13, p. 51-66, jan./jun., 2017

HAESBAERT. Rogério. **Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, setembro de 2004.

HAESBAERT. Rogério. Território e multiterritorialidade: um debate. **GEOgraphia** - Ano IX - No 17 - 2007.

ISNARD, H. O espaço do geógrafo. **Boletim Geográfico**, Rio de Janeiro, ano 36, v. 258/559, p. 5-16, jun/dez 1978.

PEREIRA et al. Sociabilidades juvenis: algumas interfaces entre escola, pertencimentos e internet. V **JUBRA - Simpósio Internacional da Juventude Brasileira**, 2012, Recife. 2012.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção** / Milton Santos. - 4. ed. 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. - (Coleção Milton Santos; 1)

SANTOS, Milton. O território e o saber local: algumas categorias de análise. **Cadernos IPPUR**, ano XIII, n. 2, p. 15-26, ago-dez. 1999.

SANTOS, Milton. **Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e meio técnico científico e informacional**. 5. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003

SCHERER, Giovane Antonio. A Política Nacional de Juventude: Reflexões sobre a (Des)Proteção Social Juvenil em Tempos Neodesenvolvimentistas. **XV ENPESS Encontro Nacional de Pesquisadoras(es) em Serviço Social**. 2016.

SOUZA, Carlos Fabiano de. Memes: formações discursivas que ecoam no ciberespaço. **Revista Vértices**, Campos dos Goytacazes/ RJ, v.15, n. 1, p. 127-148, jan./abr. 2013

SIMÃO, Mário Pires. Dos espaços de identidade aos espaços de visibilidade. **Revista Juventude e Políticas Públicas**, v. 1, n. 1, 16 nov. 2014.